

URBAN SKETCHING E O PATRIMÔNIO DAS CIDADES - UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

URBAN SKETCHING AND THE HERITAGE OF CITIES - A SYSTEMATIC LITERATURE REVIEW

Jailton Bezerra Nogueira da Cruz¹

Bruno Serviliano Santos Farias²

Resumo

Os praticantes do *urban sketching* buscam representar a paisagem por meio de desenhos *in loco* em que se tem o patrimônio histórico como um dos temas dos registros realizados. Assim, o objetivo deste artigo foi analisar aspectos relacionados entre prática do *urban sketching* e o patrimônio das cidades. Para isso, foi realizada a Revisão Sistemática de Literatura que compreendeu a coleta e análise de trabalhos em seis bases de dados com aplicação de critérios de seleção e exclusão em 1130 trabalhos encontrados, resultando em sete trabalhos selecionados. Os estudos apontam que a prática do USK promove a ocupação do espaço urbano, sentimento de pertencimento, educação patrimonial, socialização, memória individual e coletiva. Por fim, são poucos os estudos que apontam uma comunicação entre os grupos e entidades responsáveis pela gestão do patrimônio, a fim de otimizar possíveis benefícios dessa relação.

Palavras-chave: *urban sketching*; desenho *in loco*; patrimônio; cidade; diário gráfico

Abstract

Practitioners of urban sketching seek to represent the landscape through on-site drawings in which historical heritage is one of the themes of the records made. Thus, the objective of this article was to analyze aspects related to the practice of urban sketching and the heritage of cities. To this end, a Systematic Literature Review was carried out, which comprised the collection and analysis of works in six databases with the application of selection and exclusion criteria to 1130 works found, resulting in seven selected works. Studies indicate that the practice of USK promotes the occupation of urban space, a sense of belonging, heritage education, socialization, individual and collective memory. Finally, there are few studies that point to communication between the groups and entities responsible for heritage management, in order to optimize possible benefits of this relationship.

Keywords: urban sketching; on-site design; patrimony; city; graphic diary

¹ Mestrando, UFMA - CCET - Programa de Pós-Graduação em Design - Mestrado em Design (PPGDg), São Luís, MA, Brasil. jotabnc@gmail.com;

² Professor Doutor, UFMA – DEDET – Departamento de Desenho e Tecnologia, São Luís, MA, Brasil. brunoserviliano@gmail.com; ORCID: 0000-0002-5960-5835

1. Introdução

A prática do desenho de observação *in loco* da paisagem e do cotidiano é antiga, no entanto pouco difundida ficando restrita aos desenhistas ditos profissionais. Dentre outros, Rosengarten (2011) aponta Edgar Degas, Jean Baptiste Debret e Eugene Delacroix como mestres em representar o cotidiano por meio de croquis das cidades que viviam e visitavam. Mais recentemente, essa prática tem se popularizado sob o nome de *urban sketching* (USK). Holmes (2014) considera o USK um movimento artístico internacional, já Bower (2022) o define de forma simples como ato de registrar momentos da vida cotidiana desenhando ou pintando a partir da observação direta, atrelada a modernidade de compartilhamento da internet por meio das redes sociais.

Nesse contexto, se apresentará um breve histórico sobre a prática atual do USK. Em 2007, o desenho *in loco* foi revitalizado por um grupo conhecido como *Urban Sketchers*, uma organização internacional sem fins lucrativos fundada pelo jornalista Gabriel Campanário em Seattle, Estados Unidos. Trata-se de uma rede global de correspondentes que reúne pessoas ao redor do mundo, interessadas em criar e compartilhar seus desenhos de locais reais *online*, principalmente através das redes sociais. Essa comunidade inclui profissionais de diversas áreas, como pintores, arquitetos, jornalistas, publicitários, ilustradores, antropólogos, designers e educadores. Eles não apenas publicam desenhos na *web*, mas também compartilham as narrativas e as circunstâncias em que esses desenhos foram criados (URBAN SKETCHERS BRASIL, 2015).

Dada a crescente popularidade dos grupos, a organização internacional dos *urban sketchers*, promove simpósios internacionais anualmente. O primeiro Simpósio Internacional dos *Urban Sketchers* ocorreu em Portland, EUA, em 2010, seguido pelo Simpósio Internacional em Lisboa, Portugal em 2011, como relatado por Kuschnir (2012). As palestras deste evento abordaram diversas perspectivas, com ênfase na educação por meio do desenho, na valorização de bairros e no resgate histórico de cidades. Outras cidades já foram sede do encontro internacional como Santo Domingo (2012), Barcelona (2013), Paraty (2014), Singapura (2015), Manchester (2016), Chicago (2017), Porto (2018), Amsterdam (2019) e Auckland (2023). Rapidamente, a prática do USK e os grupos, unidos por um manifesto, atraíram novos adeptos em diversos países. Atualmente, os *urban sketchers* estão presentes em mais de 70 países, em 444 cidades e contam com mais de 120 mil membros (URBAN SKETCHERS, 2024). Organizados sob e mentoria do grupo internacional, existem os grupos nacionais e por fim os grupos locais em diversas cidades ao redor do mundo. Aos moldes dos simpósios internacionais, os grupos nacionais também têm autonomia para realização de encontros anuais dentro da sua área de abrangência. No Brasil, a versão nacional do *Urban Sketchers* foi iniciada em 2010 por Eduardo Bajzek, João Pinheiro e Juliana Russo, estimulando a formação de grupos locais em várias cidades brasileiras.

Os encontros dos grupos locais têm periodicidade quinzenal e fazem uso das mídias sociais como Facebook, Instagram e Twitter, não só para o agendamento e marcação dos locais de encontro, mas também para publicação dos croquis realizados, pelos participantes, desse modo se garante um histórico visual do tempo e do lugar representado pelos desenhistas. Nesse ponto, a dinâmica dos encontros é simples, uma vez que qualquer pessoa pode participar, chegando ao lugar e hora marcada com seus materiais de desenho, cadernos ou folhas soltas, em que se pode compartilhar experiências, aplicar e aprender novas técnicas de desenho.

Esses grupos são compostos por pessoas de diversas idades e profissões. Alguns são autores que veem no USK formas únicas de se relacionar com a cidade. Kuschnir descreve o blog

de Gabriel Campanario como um diário ilustrado da vida em Seattle, onde ele escreve sobre os temas desenhados, conta suas histórias e realiza entrevistas, seguindo um modelo de reportagem jornalística que combina imagens e textos. Para Salavisa (2012), as cidades em que vivemos podem se tornar "invisíveis" ao nosso olhar cotidiano, e a prática do USK estimula um redescobrimiento ao incentivar o registro gráfico do que observamos.

Figura 1: Simpósios Internacionais de *Urban Sketchers* em Lisboa (2011), Paraty (2014), Amsterdam (2019) e Auckland (2023).



Fonte: <https://urbansketchers.org/pt/usk-symposium/> - pastsymposiums.

Em Portugal, esses desenhistas têm recebido apoio do Governo em suas ações. A Direção Geral do Patrimônio Cultural de Portugal – DGPC, em parceria com o *Urban Sketchers* Portugal, promove anualmente a maratona de desenho “(A)Riscar o Patrimônio”, focada em incentivar as pessoas a realizarem seus próprios registros dos patrimônios históricos e compartilhá-los *online*. Choay (2008) observa que o reconhecimento do patrimônio por entidades públicas e privadas só começou a ganhar destaque após a Revolução Francesa (1789), com a definição de conceitos como monumentos históricos e a transferência de propriedades do clero e da nobreza para a nação, sob preceitos iluministas de conservação e disseminação do conhecimento.

Sob essa ótica, segundo Carvalho et al. (2022) a proteção do patrimônio histórico e cultural é função do Estado e dever da sociedade por se tratar da representação da identidade nacional, compreendida por meio dos seus valores, história e cultura, cabendo ainda ao Estado a formulação e operacionalização de políticas que assegurem direitos culturais do cidadão. Os autores concluem que qualquer meio que seja apto a contribuir para a preservação dos bens culturais no Brasil encontrará amparo constitucional.

Em consonância com a proposta do evento “(A)Riscar o Patrimônio”, Salavisa (2010) destaca a importância de não ser um "desenhista perfeito" na prática do USK, enfatizando que qualquer pessoa pode fazer registros desenhísticos sem se autodenominar artista. Por outro lado, Choay (2008) critica a subjetividade e a falta de precisão em croquis, especialmente quando relacionados ao patrimônio e monumentos históricos, sob o argumento de que os desenhistas desde a época dos antigos antiquários não costumavam medir exatamente, negligenciavam detalhes e frequentemente reconstituíam de memória. A autora conclui que a fidelidade na representação dos edifícios estudados contribui para o aprimoramento do conceito de monumento histórico.

Nesse ponto, vale destacar a heterogeneidade do grupo *Urban Sketchers*, onde não há restrição quanto as formas de desenhar, estilo ou materiais a serem utilizados, tendo como única premissa a de o registro ser realizado *in loco*. Thorspecken (2015) aponta que há basicamente duas categorias de desenhistas de croquis de ambiente urbanos. Uma é formada por ilustradores e profissionais das belas artes que passaram anos desenhando modelos vivos, de modo que buscam ver os prédios de forma semelhante à figura humana, tentando sugerir gestos e personalidade em croquis informais (Figura 2). A outra é formada por arquitetos que vão para rua observar diretamente os prédios em seus contextos, que apresentam desenhos precisos e formais (Figura 3). O autor conclui que ambas as abordagens são fascinantes e tem seu valor intrínseco.

Figura 1: Croqui realizado *in loco* por Eleanor Doughty em abordagem subjetiva com cores, formas, proporções e texturas inspiradas pelo modelo real



Fonte: *The world of Urban sketching*, (2022)

Figura 2: Croqui realizado *in loco* por Stephanie Bower com abordagem objetiva respeitando cores, formas, proporções e texturas do modelo real



Fonte: *The world of Urban sketching*, (2022)

Cabe destacar que ao visitar as páginas na internet dos grupos de USK, é possível notar o interesse dos participantes em representar/registrar o patrimônio histórico, sobretudo nas cidades que abrigam centros históricos. A relação entre USK e patrimônio é vista por alguns autores com grande potencial educativo, especialmente para a proteção e valorização desses locais. Duarte (2020) defende que a prática do USK nos centros históricos é uma forma de educação patrimonial criativa e interativa, que contribui para o conhecimento, a divulgação e valorização do patrimônio cultural. Além disso, ele complementa que só é possível proteger

aquilo que conhecemos, e o melhor caminho para conhecer algo é desenhando. Já Clewton (2020) chama atenção para experiências que procura vincular o desenho e o patrimônio, sob fato de poder estar nestes lugares, se apropriar deles e a partir dessa prática de observar, construir olhares sobre a cidade, sobretudo no patrimônio.

Segundo Noronha (2015), as noções de posse e propriedade estão intimamente ligadas ao conceito de patrimônio, que historicamente significava "herança do pai" ou "bens de herança". Choay (2008) esclarece que o termo patrimônio começou a ser usado para designar monumentos históricos apenas na década de 1960. A Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial em 1972 introduziu uma definição de patrimônio mundial, cultural e natural. Posteriormente, a Constituição Federal do Brasil (1988) no artigo 216, estabeleceu o conceito de patrimônio cultural e delineou a responsabilidade compartilhada entre o poder público e as comunidades na proteção deste patrimônio, com a gestão da documentação e dos bens sob a responsabilidade do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, conforme segue:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. [...] (BRASIL, 1988)

Diante do exposto, este artigo propõe uma Revisão Sistemática de Literatura (RSL) a fim de analisar alguns estudos e as interações entre a prática do USK e o patrimônio histórico das cidades. A metodologia adotada envolve a seleção de pesquisas dentro do escopo da RSL, com base em critérios de filtragem específicos. Posteriormente, realiza-se uma análise descritiva dos trabalhos selecionados, criando e examinando categorias pertinentes ao assunto.

2. Metodologia

A RSL é uma revisão planejada para responder a uma pergunta específica, utilizando métodos explícitos e sistemáticos para identificar, selecionar e avaliar criticamente os estudos, além de coletar e analisar os dados inerentes aos trabalhos incluídos na revisão (CASTRO, 2001, p.1). Este processo garante a rastreabilidade e replicação dos critérios adotados (SANTOS, 2018, p. 45).

Neste contexto, procedeu-se à coleta de trabalhos em bases de dados acadêmicas reconhecidas, seguindo um protocolo de pesquisa que considera as palavras-chave e a combinação entre elas. Em seguida, as etapas de seleção dos trabalhos encontrados levaram em conta os apontamentos de Marconi e Lakatos (2017) sobre as fases da leitura informativa: reconhecimento, exploratória e seletiva.

Conforme as autoras, a leitura informativa de reconhecimento visa verificar o assunto de interesse ou a existência de informações relacionadas ao objetivo da pesquisa. Esta etapa envolve a observação do sumário, dos títulos dos capítulos ou das seções. A leitura informativa

exploratória, por sua vez, busca selecionar as informações já conhecidas, examinando a introdução, o prefácio, as referências e as notas de rodapé dos trabalhos. Por fim, na leitura informativa seletiva, foca-se na seleção de informações diretamente relacionadas ao problema de pesquisa. Este último passo envolve uma leitura mais profunda e atenta, eliminando o que é supérfluo e concentrando-se nas informações pertinentes (MARCONI e LAKATOS, 2017, p. 34).

O quadro abaixo apresenta os parâmetros delimitados para a criação do protocolo de pesquisa na coleta de dados a partir de estudos que apontem alguma relação entre o USK e o patrimônio.

Quadro 1: Protocolo de pesquisa RSL.

Base de dados	Capes, Google Acadêmico, BDTD, Scielo, Oasis
Tipo de documentos	Artigos, dissertações e teses
Área de concentração	Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Engenharias, Multidisciplinar Linguística, Artes
Período	2008 a 2023
Idioma	Português e inglês
Critérios de inclusão	Trabalhos que tenham como foco o desenho <i>in loco</i> visando o registro, análise, reflexão e preservação e valorização do patrimônio histórico e cultural
Critérios de exclusão	Trabalhos que tenham como foco o desenho da cidade sem relação com o patrimônio histórico e cultural Trabalhos duplicados.

Fonte: Elaborado pelos autores, baseado em Obregon (2017).

3. Resultados

Esta fase, dividida em etapas, foi realizada no período de outubro a dezembro de 2023. Caracterizou-se pela busca e identificação de dados para a seleção de artigos. O quadro subsequente ilustra a escolha das palavras-chave, que foram cuidadosamente selecionadas para abarcar tanto aspectos relacionados ao USK quanto ao patrimônio. As palavras-chave escolhidas e as combinações entre elas foram fundamentais para guiar a pesquisa nas bases de dados. As palavras-chave incluíram: '*desenho in loco*', '*desenho in situ*', '*urban sketching*', '*urban sketchers*', '*heritage*', 'diário gráfico', 'patrimônio', 'cidade', '*city*' e '*design*'.

Tabela 1: Associações entre palavras-chaves para pesquisa nas bases de dados

Palavras Chaves e Associações Utilizadas na Pesquisa	CAPES	Scielo	Google acadêmico	BDTD	Oasis
"urban sketching" and "patrimônio"	0	0	18	0	0
"urban sketching" and "heritage"	0	0	168	0	0
"urban sketching" and "diário gráfico"	0	0	16	0	0
"urban sketchers" and "cidade"	6	1	166	2	5
"urban sketchers" and "heritage"	0	0	146	0	2
"urban sketchers" and "patrimônio"	1	0	62	0	1

Palavras Chaves e Associações Utilizadas na Pesquisa	CAPES	Scielo	Google acadêmico	BDTD	Oasis
"patrimônio" and "diário gráfico"	0	0	78	0	1
"urban sketching" and "city"	6	0	365	0	0
"desenho in situ" and "cidade"	0	0	17	0	0
"urban sketching" and "design"	0	0	37	0	0
"desenho in loco" and "cidade"	1	0	30	0	0
Subtotal	14	1	1103	2	10
Total	1130				

Fonte: Elaborado pelos autores

Nos resultados obtidos, identificaram-se inicialmente 1130 artigos. No entanto, os trabalhos encontrados nas bases de dados CAPES, SCIELO, BDTD e OASIS também foram localizados na base do Google Acadêmico. Conforme o protocolo adotado, que prevê a exclusão de trabalhos repetidos, estes foram removidos da contagem final.

A primeira etapa do processo envolveu uma leitura informativa de reconhecimento, resultando na seleção preliminar de 81 artigos. Posteriormente, na etapa 02, uma leitura informativa exploratória foi realizada, o que levou à seleção de 39 artigos. Na etapa final, a etapa 03, que consistiu em uma leitura informativa seletiva, sete artigos foram escolhidos por apresentarem relações diretas entre a prática do USK e o patrimônio. Os 32 artigos restantes, embora relacionados ao USK, não abordavam especificamente a vertente do patrimônio das cidades. A tabela a seguir resume esse processo de seleção:

Tabela 2: Resultado da seleção de artigos da RSL.

Etapas	Google Acadêmico	CAPES	SCIELO	BDTD	OSASIS
Resultado da pesquisa na base de dados	1103	14	1	2	10
Leitura informativa de reconhecimento	72	5	0	1	3
Leitura informativa exploratória	35	2	0	1	1
Leitura Informativa Seletiva	4	2	0	0	1
Artigos selecionados	7				

Fonte: Elaborado pelos autores

No método adotado para a Revisão Sistemática de Literatura, os sete artigos selecionados relacionam a prática do USK e o patrimônio histórico em alguns aspectos que serão abordados na presente análise descritiva dos trabalhos. Desse modo, apresenta-se os estudos selecionados com foco nos objetivos, metodologias e principais contribuições conforme apresentado no quadro que segue.

Quadro 2: Trabalhos selecionados.

Autor e Ano	Título/Objetivo/Método	Principais Contribuições
COSTA; MOLINA-SILES (2020)	<p>Título: <i>Drawings that immortalize the city. The latent and persecuted architecture of the El Cabanyal</i></p> <p>Objetivo: documentar a história social e morfológica do bairro por meio de desenho in loco em busca da valorização e preservação do local</p> <p>Método: Pesquisa bibliográfica, Desenho de observação, observação participante</p>	Uso do desenho <i>in loco</i> como ferramenta analítica e comunicativa para capturar e reivindicar a arquitetura e o ambiente urbano
KALLAS et al. (2020)	<p>Título: Resgate, valorização, educação, e documentação do patrimônio por meio de sketches</p> <p>Objetivo: provar a hipótese de que os sketches são uma forma de resgate, valorização e documentação do Patrimônio arquitetônico que contribui para a consciência de uma herança cultural e uma educação patrimonial</p> <p>Método: Entrevista semiestruturada, pesquisa bibliográfica.</p>	Entrevista por meio de questionário sistematizado com 104 participantes, onde foi possível coletar dados acerca da hipótese levantada
SILVA, NOGUEIRA. (2020)	<p>Título: <i>Urban sketching</i>: instrumento formador de agentes difusores do patrimônio</p> <p>Objetivo: Compreender as possibilidades do USK como ferramenta de educação patrimonial e como é capaz de agregar conhecimento na formação dos participantes.</p> <p>Método: Observação participante, pesquisa bibliográfica</p>	Análise da prática do USK como ferramenta de educação patrimonial nos participantes e alunos da Universidade Federal de Sergipe na formação de uma consciência patrimonial
RAHIM et al. (2014)	<p>Título: Os arquivos de desenho e a valorização do patrimônio das cidades através do diário gráfico: o caso dos <i>Urban Sketchers</i> Portugal</p> <p>Objetivo: Investigar o diário gráfico como arquivos desenhos enquanto ferramenta de pesquisa e produção de conhecimento visual associado ao Patrimônio.</p> <p>Método: pesquisa bibliográfica</p>	Estudo de caso do grupo de USK em Portugal, onde fica constatado ampliação do conhecimento do país por meio dos registros de desenho
NITO, Mariana Kimie da Silva (2019)	<p>Título: Patrimônio cultural e ambiências urbanas</p> <p>Objetivo: Reconhecer o conceito de ambiência por meio do desenho de observação e o andar pela cidade aplicado em pesquisa de campo.</p> <p>Método: Pesquisa etnográfica, desenho de observação, pesquisa bibliográfica.</p>	Utilização do USK como ferramenta de análise, reflexão, percepção e observação do espaço construído.
TATA, Alessandra (2023)	<p>Título: <i>Urban sketching for reading the spaces of the historic city. L'Aquila and its squares.</i></p> <p>Objetivo: Realizar estudos sobre praças da cidade de <i>L'Aquila</i>, por meio do desenho in loco, a fim de ler e documentar os espaços da identidade da cidade e reconhecer seus valores históricos e arquitetônicos.</p> <p>Método: desenho de observação, pesquisa bibliográfica e metodologia de documentação</p>	Exploração do desenho <i>in loco</i> na leitura e documentação de espaços urbanos como praças e prédios.

Autor e Ano	Título/Objetivo/Método	Principais Contribuições
VALGAS, Paulo Henrique Torres (2019)	<p>Título: <i>Urban Sketchers</i> e a cidade: sociabilidades, materialidades e sensibilidades</p> <p>Objetivo: Relacionar a prática do USK com a coletividade das cidades, compartilhamento dos desenhos em redes sociais e a necessidade de vivenciar os espaços.</p> <p>Método: pesquisa bibliográfica.</p>	Apresentou uma perspectiva adicional sobre o combate às brutalidades impostas pelas cidades

Fonte: Elaborado pelos autores

Vale destacar que na pesquisa em bases de dados que diversas áreas no campo da história, sociologia, antropologia e arquitetura apresentam estudos que abordam o USK em diferentes perspectivas direcionadas às suas áreas de conhecimento. Os estudos visam compreender este movimento contemporâneo à medida que ele evolui e se populariza. Assim, considerando a análise descritiva, os artigos apresentam conceitos variados no que diz respeito à relação do USK e o patrimônio, em decorrência e a depender da área de conhecimento que cada estudo se insere, conforme segue no quadro abaixo:

Quadro 3: Principais conceitos encontrados.

Termo	Definição	Autores
<i>Urban sketching</i>	Prática contemporânea de desenho in loco da cidade associado ao grupo internacional sem fins lucrativos, <i>Urban Sketchers</i> , que tem como finalidade reunir pessoas para desenhar os locais onde vivem ou viajam e compartilhar esses desenhos <i>online</i> .	KALLAS et al. (2020), SILVA et al. (2020), RAHIM et al. (2014), NITO (2019), VALGAS (2019), COSTA e MOLINA-SILES (2020), TATA (2023)
Patrimônio	Bens materiais ou imateriais herdados de outra época com valor simbólico que implica assumir a cidade como propriedade cultural compartilhada.	KALLAS et al. (2020), NITO (2019), VALGAS (2019)
Desenho	Croquis ou rabiscos da cidade que tem como finalidade valorizar, documentar e criar narrativas das ocasiões em que foram elaborados, produzindo associações com a memória, além de promover a ocupação dos espaços.	KALLAS et al. (2020), SILVA et al. (2020), RAHIM et al. (2014), NITO (2019), VALGAS (2019), COSTA e MOLINA-SILES (2020), TATA (2023)
Relação USK-Patrimônio	Aproxima as pessoas dos centros históricos levando a busca de conhecimento sobre a história local, educação e valorização patrimonial.	KALLAS et al. (2020), SILVA et al. (2020), RAHIM et al. (2014), NITO (2019), VALGAS (2019), COSTA e MOLINA-SILES (2020)
Diário Gráfico	Ferramenta utilizada nas anotações de ideias e desenhos pelos desenhistas, atuando com um arquivo de registros visuais capaz de informar e comunicar.	RAHIM et al. (2014), TATA (2023)
Pertencimento	Sentimento de fazer parte da cidade em que se vive ou visita, senti-la, tornar sua.	KALLAS et al. (2020), SILVA et al. (2020), VALGAS

Termo	Definição	Autores
		(2019)
Documentação	Conjunto de técnicas e tecnologias que possibilitam o registro de bens, proteção da memória, ensino e informação onde existe a contribuição do USK.	KALLAS et al. (2020), SILVA et al. (2020), RAHIM et al. (2014),
Valorização	As imagens compartilhadas levam a divulgação, conhecimento e valorização, podendo promover o turismo e preservação do Patrimônio.	KALLAS et al. (2020), RAHIM et al. (2014), COSTA e MOLINA-SILES (2020)
Memória	Os croquis feitos ativam a memória individual e coletiva dos desenhistas e de quem contempla o desenho, levando a reflexão histórica e cultural dos locais.	VALGAS (2019), COSTA e MOLINA-SILES (2020)
Ressonâncias	Trata das informações que os artefatos carregam e que são capazes de atravessar épocas, como a cultura, o processo construtivo, as pessoas que o fizeram e as circunstâncias que levaram a sua criação.	NITO (2019)
Ambiência	Inerente a bens tombados, consiste em utilizar as práticas de preservação também no entorno desses bens, sendo indispensável como fator integrador da percepção da cidade pela vivência dos espaços.	NITO (2019)
Sensibilidade, materialidade e sociabilidades	A cidade pode ser caracterizada por aspectos materiais (prédios erguidos e artefatos criados pela ação humana) sociais (caracteriza atores, relações, personagens, comportamentos e hábitos dos cidadãos) e sentimentais (percepção de emoções dados pelo viver urbano como medos e desejos) e relacionados, quando se tornam problemas podem ser amenizados pela prática do USK.	VALGAS (2019)

Fonte: Elaborado pelos autores

4. Discussão e Análise

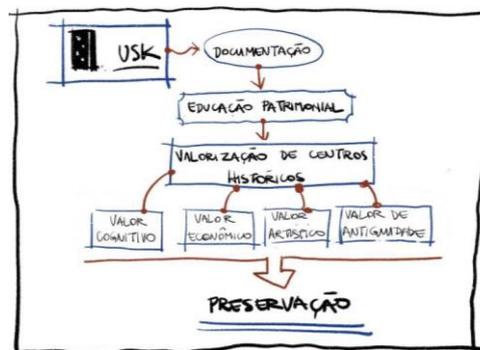
Uma vez expostos os principais conceitos sobre o tema que norteia este trabalho, aprofunda-se a discussão, a partir da apresentação de estudos desenvolvidos em diferentes realidades, em que foram divididos por cinco categorias inerentes a cada tópico analisado.

4.1. USK e Valorização dos Centros Históricos

Kallas et. al (2000) em seu estudo faz paralelos entre a prática do USK com os naturalistas do passado como Jean Baptiste Debret, William John Burchell, Johann Moritz Rugendas no que diz respeito ao registro de cenas documentadas para o presente e futuro, tem como objetivo provar a hipótese de que os sketches são uma forma de resgate, valorização e documentação do patrimônio arquitetônico que contribui para a consciência de uma herança cultural e uma educação patrimonial.

Alguns conceitos abordados pelos autores são a documentação e valorização. A primeira, definida como um conjunto de técnicas e tecnologias para capturar, processar, indexar, armazenar e publicar algum assunto e tem como objetivo o ensino, informação, promoção e proteção. Para a segunda, quando relacionada com patrimônio, se mostra um conceito com várias vertentes, como os adotados por Riegl - como o valor histórico, valor de arte, valor de memória e o valor de antiguidade - e de Choay, valor cognitivo, valor econômico e valor artístico (Figura 4).

Figura 3: Relação USK e a valorização dos Centros Históricos



Fonte: Elaborado pelos autores

Por seguinte, após um apanhado sobre os registros em desenhos e ilustrações realizados ao longo da história, ressaltando os desenhistas que retrataram a paisagem, costumes, pessoas e cotidiano brasileiros nos séculos XVII, XVIII e XIX, os autores buscam descrever o movimento USK, como algo que embora não seja uma prática nova se destaca e diferencia das práticas do passado em decorrência da rede de comunicação contemporânea das redes sociais onde os desenhos são compartilhados e conectam desenhistas do Brasil e do mundo. Os autores ainda definem o Patrimônio Histórico como um bem preservado e que possui grande valor para a identidade de um povo e aqui comentam que a prática do USK não se restringe ao registro de bens materiais, mas também aos bens imateriais focando no lado comportamental, espiritual e emocional do local.

No que diz respeito a relação dessa prática e o patrimônio Kallas et al. (2020) discorrem que em um primeiro momento está associada ao conceito de patrimônio material, que na realidade são bens concretos e com durabilidade considerável, no entanto o patrimônio imaterial também é matéria prima da prática do desenhista, que escreve em seus cadernos, anota um momento, cola imagens e se emociona em suas representações.

Assim, a principal contribuição desse estudo foi o questionário sistematizado com o intuito de responder o problema e comprovar a hipótese. O questionário que possuía 11 perguntas, em que duas eram para respostas abertas, foi submetido à comunidade da rede social Facebook *Urban Sketchers* de forma remota por meio do Google *Forms*. As perguntas foram classificadas em: contextualização dos desenhistas no território, ocupação profissional, desenho e sua prática, conhecimento acerca do patrimônio e a relação desenho/patrimônio. Os autores obtiveram 104 questionários respondidos e validados e dividiram-se em dois grandes grupos - participantes (87) e não participantes (17). Entre os respondentes as maiores ocupações estão entre arquitetos, artistas, artesãos e designers. Um outro resultado importante

constatado pelos autores foi que mesmo sem formação em área específica os participantes demonstraram ter uma noção do conceito de patrimônio mediante a pergunta subjetiva sobre o assunto. Acerca da seguinte pergunta: “Você acredita que a prática do desenho urbano fez você olhar o patrimônio arquitetônico e urbanístico de outra forma?”, 99 pessoas responderam “sim” e cinco responderam “não”.

Por fim, a última pergunta, também subjetiva, questiona como a prática do USK faz olhar o patrimônio de uma outra forma. As respostas, segundo os autores, mesmo sem os participantes terem conhecimento, foram relacionadas com os pensamentos de Riegl e Choay, no que diz respeito aos valores de antiguidade, valores cognitivos e relacionando o desenho com o ato de observar, ver, entender, preservar e valorizar. O questionário aponta para um grupo homogêneo no que tange o gosto e frequência em desenhar, participação dos encontros, bem como sobre apresentar conhecimento sobre o patrimônio e acreditar que o USK pode contribuir na preservação dos centros históricos (Figura 5).

Figura 4: Perguntas objetivas realizadas no questionário aplicado por Kallas et al. (2020)



Fonte: Elaborado pelos autores, a partir de Kallas et al. (2020)

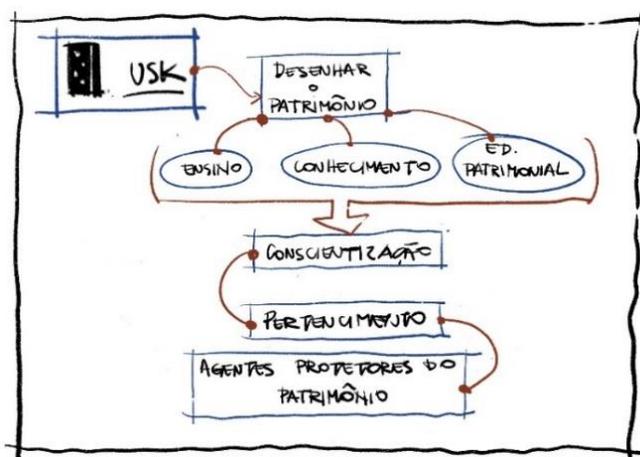
Em suma, os autores fazem uma análise o USK por meio de resgate histórico como uma prática do cotidiano e sobre a importância documental e na valorização do patrimônio arquitetônico. São considerados valores de arte, de memória e antiguidade, bem como valores cognitivos, valor econômico e valor artístico. Buscam destacar que a prática do USK não se restringe apenas na representação do patrimônio material, mas também o imaterial em seus registros por meio da escrita. Nesse tipo de representação, onde se alia texto e imagem pode se otimizar a função do desenho de informar e educar.

4.2. USK e Educação Patrimonial

No estudo de Silva e Nogueira (2020), os autores consideram o USK uma ferramenta alternativa de ensino e educação patrimonial, para tanto buscam compreender suas possibilidades e capacidade de agregar conhecimento na formação dos participantes e no entendimento da cidade pelos alunos da Universidade Federal de Sergipe. Os autores destacam ações pedagógicas que foram sendo desenvolvidas no Projeto de Extensão na Universidade Federal de Sergipe para os cursos de Artes, Arquitetura e Urbanismo, aberta aos alunos, que defende a ideia de que o desenho de paisagens urbanas e edificações podem fomentar associações perceptivas sensoriais e produzir um sentimento de pertencimento e memória, moldando os participantes em agentes protetores do patrimônio, aproximando-os do espaço urbano de modo que os locais escolhidos representam a face da cidade assim como as edificações desses locais representam a cultura local.

Na análise do grupo *Urban Sketchers* em Aracajú os autores ressaltam a participação dos estudantes dos cursos de Artes, Design e Arquitetura e Urbanismo e como a prática dos croquis *in loco* favorece na formação dos alunos, uma vez que de forma positiva reúne um grupo que dialoga, aprende e compreende o valor dos aspectos inerentes ao patrimônio. Dada a formação, alguns alunos já possuem noção de patrimônio e técnicas consolidadas de desenho, enquanto outros ainda estão iniciando, o que não representa, segundo os autores, dificuldades dadas à liberdade de expressão. Assim, as dificuldades apresentadas têm sido logo no início com estruturação do desenho e composição que são contornadas com auxílio dos mais experientes (Figura 6).

Figura 5: USK e a educação patrimonial



Fonte: Elaborado pelos autores

Como se nota, os *urban sketchers*, uma vez autores/professores, tratam de associar a prática na formação de seus alunos na promoção de uma conscientização acerca do patrimônio histórico e cultural por meio de observação e entendimento do local através do desenho. Essa atividade acadêmica vem se popularizando dentro das universidades e em cursos externos onde as pessoas buscam formas sensíveis de se relacionar com a cidade. Logo, esta deve ser uma ação pedagógica de longo prazo que além das universidades, a educação patrimonial por meio do desenho, deveria se iniciar nos primeiros anos escolares.

4.3. USK como Desenho Sensorial do Ambiente

Kallas et. al (2020) trazem o conceito do ato de desenhar na rua ser de um "caminhante" ou pela poesia de Boudelaire, o *flauner*. A partir daí associam a prática de desenho *in loco* aos viajantes que veem beleza na cidade como Monet, Degas, Le Corbusier, Louis Kahn, Alvar Aalto e Lucio Costa. Os autores defendem o desenho de rua como uma experiência sensível necessária ao observador perceber o espaço, organizando os conteúdos que lhe são enviados em categorias como qualidade, quantidade, causalidade.

Adicionalmente, Silva e Nogueira (2020) explicam o pertencimento como o sentimento de entender fazer parte de algo que nunca havia se apercebido, passando a integrar-se num contexto social do qual ainda não havia se identificado. Na busca de definir o que seria "desenho", os autores descartam o senso comum de que desenhar seja um dom e que pode ser

uma habilidade adquirida como a de escrever. Sob essa ótica, afirmam que diferentes imagens que se observa na televisão ou cinema e a própria fotografia, devido a rapidez que se passam é impossível captar os detalhes, enquanto o desenho *in loco*, dado o tempo para produzi-lo permite o reconhecimento do valor patrimonial, além da socialização, troca de informações e compartilhamento de experiências que podem ser transferidas a sociedade. Já Costa e Molina-Siles (2020) definem o desenho como uma disputa entre a mão como ferramenta, a interpretação pessoal e o conjunto de memórias que armazenamos na mente capazes de expandir a percepção, inconscientemente.

Silva e Nogueira (2020) ainda apontam que o importante não é executar um desenho perfeito, mas sim perceber o espaço urbano patrimonial, às pessoas e as particularidades e a partir disso ter o entendimento que também faz parte desse patrimônio ambiental urbano. Nesse ponto, Tata (2023) concorda ao destacar que o foco do desenho *in loco* não é um mero produto entendido como simples representação gráfica, mas um processo cognitivo que leva a produção da própria imagem, capaz de proporcionar a aquisição de novos conhecimentos, em que a presença no local em contato direto com o objeto representado permite estabelecer uma comparação contínua entre o desenho o contexto que o cerca com a possibilidade de transcrever informações importantes e excluir o supérfluo.

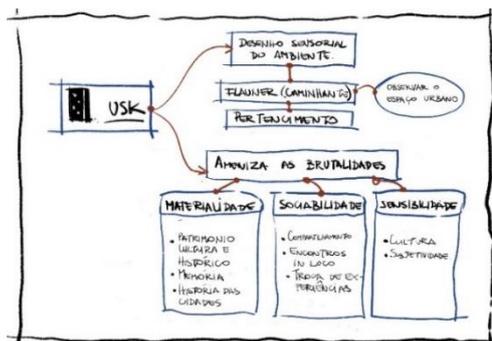
Nesse sentido, Silva (2019) entende que é possível produzir o sentimento de pertencimento e memória por meio das histórias que os desenhos de paisagens urbanas e edificações podem fomentar através de associações perceptivas sensoriais nos participantes. Já Kallas (2020) afirma que o pertencimento não depende do tempo em determinado local, podendo ser nossa cidade ou a cidade que estamos visitando, assim quando conseguimos perceber e comunicar o que desenhamos, desenvolvemos automaticamente um senso de pertencimento ao lugar.

Por fim, Valgas (2019) destaca no seu estudo busca abordar três itens do manifesto³ USK (“Nós nos apoiamos e desenhamos juntos”, “Nós compartilhamos nossos desenhos online” e “Nós mostramos o mundo, um desenho de cada vez”), levando em consideração a importância da coletividade, compartilhamento em rede e a necessidade de vivenciar os espaços. Para tal, considerando as inúmeras formas de ver e sentir a cidade, o autor considera aspectos tangentes a materialidade, sociabilidade e sensibilidade, apontando os problemas inerentes, onde o USK aparece como uma das soluções. Para o autor, desenhar *in loco* a cidade é uma prática antiga, que resgatada por esse grupo de desenhistas urbanos, apresenta alívio aos problemas apresentados na cidade moderna, amenizando as “brutalidades” nos aspectos materiais, sociais e sentimentais. Para a materialidade o autor aponta os elementos erguidos pelo homem sobre a natureza, levando à questão do Patrimônio histórico e cultural, a memória, história das cidades e como promovem a ocupação dos espaços da cidade, onde os desenhistas ativam a memória individual e coletiva dos significados da arquitetura local, buscam informações dos prédios registrados e as repassam por meio de suas publicações *online*. Já para sociabilidade trata das relações sociais, personagens, grupos, classes, ritos, festas, comportamentos e hábitos. Aqui o autor ressalta a comunidade enquanto o coletivo de desenhar em grupo e compartilhamento *online* por meio de depoimentos de participantes. A prática é favorecida quando realizada em

³ Manifesto USK: 1. Nós fazemos desenhos de locação, através da observação direta, seja em ambientes externos ou internos; 2. Nossos desenhos contam histórias do dia a dia, dos lugares em que vivemos, e para onde viajamos; 3. Nossos desenhos são um registro do tempo e do lugar; 4. Nós somos fiéis às cenas que estamos retratando; 5. Nós utilizamos qualquer tipo de técnica e valorizamos cada estilo individual; 6. Nós nos apoiamos e desenhamos juntos; 7. Nós compartilhamos nossos desenhos online; 8. Nós mostramos ao mundo, um desenho de cada vez (THORSPECKEN, 2015, p. 9).

grupo, sobretudo para os mais acanhados em desenhar em público. No que tange a sensibilidade, trata a cidade como um fenômeno cultural, integrado ao princípio de significados ao mundo. Nesse ponto o autor destaca a subjetividade que cada desenhista possui e que transmite por meio de seus croquis, em que o mesmo tema pode ter abordagens e pontos de vista diferentes (Figura 7).

Figura 6: Aspectos sensoriais do USK.



Fonte: Elaborado pelos autores

Em síntese, o ato de caminhar pela cidade tem um caráter contemplador da paisagem urbana por meio da observação sensível que é capaz de conhecer, perceber espaços e situações de caráter espacial, social e cultural. Além disso, ao passo que se familiariza com o ambiente, surge o sentimento de pertencimento ao local, de possuir a cidade e fazer parte dela. A prática e coletividade do USK contribui para a sociabilidade na interação com as pessoas, a materialidade da arquitetura local ativa os significados dos seus elementos e sensibilidade está presente na forma que cada um representa e registra o patrimônio.

4.4. Diário Gráfico e Memória

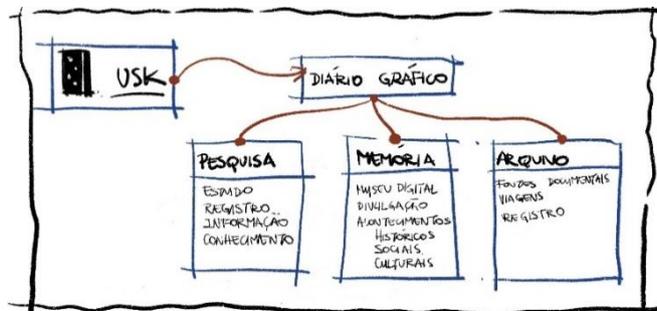
Rahim et al. (2014) assinalam o diário gráfico como arquivo de desenhos nas suas potencialidades enquanto ferramenta de pesquisa e produção de conhecimento visual associado ao patrimônio. Apresentam os *Urban Sketchers Portugal*, como organização que valoriza o patrimônio das cidades e que usam as redes digitais para publicar esses desenhos, sendo uma base de informações sobre o patrimônio e memória das cidades no que tange sua promoção, conhecimento e divulgação. Por conseguinte, define que a ideia de arquivo está associada à questão de registro do tempo e da memória física dos fatos tendo grande importância para a ligação entre períodos históricos, sociais e artísticos. Discorrem sobre os arquivos na Grécia antiga, Idade média com a ação da Igreja, tendo sua valorização dos desenhos e anotações no Renascimento.

Assim chegam ao conceito de diário gráfico como uma coleção de dados visuais agregados pelo autor, orientados a sua pesquisa pessoal sobre determinado assunto em um período. E teve sua justificativa de uso com a produção continuada em decorrência do reconhecimento do desenho como disciplina fundamental no entendimento da realidade visual. No entanto, os cadernos não se caracterizavam como produtos, mas um meio de reunir dados ou memória física que permite armazenar e recuperar informação. Dada a sua portabilidade

também foi bastante usado em viagens que retratavam sítio de passagem e sobretudo na expansão marítima nas expedições ao Novo Mundo constituindo assim uma das principais fontes documentais. Atualmente, conforme autores, os desenhos de observação com o objetivo artístico e científico constituem parte considerável dos diários gráficos, em que a visão ativa e representação são características importantes na investigação e memória. (Figura 8).

Já para Silva (2020), o aspecto e maior importância do desenho é a capacidade de atingir não apenas a matéria concreta do ato de desenhar, mas sim de produzir associações com a memória do observador, praticando mais do que um significado, adicionando um significante. Em contrapartida Valgas (2019) explica que essas experiências ganham mais valor quando são subjetivas já que tratam de memórias pessoais e lembranças de outra época e que ao compartilhar os desenhos *online* também ativam a memória coletiva, uma vez que os desenhistas tramitem as informações coletadas sobre o local.

Figura 7: O diário gráfico como suporte para o USK.



Fonte: Elaborado pelos autores

Frente ao exposto, o diário gráfico se apresenta como um instrumento de suporte indispensável para a prática do USK dada a sua portabilidade. Está associado à pesquisa, registro, documentação, produção de conhecimento, memória e informação acerca de cidades, espaços, pessoas e no caso desse estudo, do patrimônio. Uma vez finalizado, o diário gráfico tem valor de arquivo e guardião de memórias físicas capaz de ligar acontecimentos históricos, sociais e culturais.

4.5. USK como Ferramenta de Informação e Compartilhamento

Para Rahim et al. (2014), a valorização do patrimônio, a sua descoberta e conhecimento são dadas por esses registros que se propagam pela internet, constituindo uma base de dados de imagens sobre as cidades, que podem ajudar a promover o turismo, a consciência patrimonial, a preservar a cultura e desenvolver a investigação histórica e o conhecimento artístico. Os autores ainda afirmam que o ato final de difusão em rede da informação gráfica produzida permite a socialização em torno dos desenhos. A questão da identidade é também valorizada por meio da força e motivação de desenhar em grupo, complementada pela expressão do registro individual e pela riqueza das escolhas de materiais, temas, técnicas e suportes.

Além disso, para os autores a ação dos *urban sketchers* tem ampliado o conhecimento sobre Portugal e tem transformado o registro do espaço e do tempo da cidade na descrição de elementos de reconhecido valor patrimonial (a arquitetura, os detalhes de calçada, azulejo, a luz das cidades, as cores, as pessoas, os costumes etc.) uma vez que a quantidade de informação desenhada é um arquivo de memória útil e deve ser preservado. Os autores discutem a evolução

do desenho de observação por meio de técnicas digitais, graças ao avanço tecnológico dos últimos anos por meio tablets portáteis e softwares que simulam materiais de desenho e pintura.

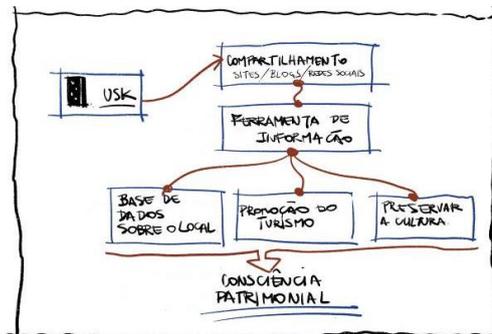
Adicionalmente, Valgas (2019) aponta exemplos da prática dos *urban sketchers* brasileiros, que, ao desenhar pelas ruas da cidade e compartilhar esses registros, descrevem a história dos prédios, fotografam-se junto deles, refletem sobre sua memória e importância, devaneiam e poetizam, mas também aproximam os outros através de suas representações, reativam memórias, fomentam interesses. Já Kallas et al. (2020) apontam o desenho como uma forma de informação, promoção e proteção desses bens, resgatando-os do abandono por meio do registro, podendo ainda resultar em denúncias públicas sobre o estado do bem material que for tombado e que deve ser preservado pelo Estado. Sob essa ótica, Costa e Molina-Siles (2020) desenvolveram durante dez anos desenhos de observação *in loco* de *El Cabanyal*, bairro histórico de Valência, a fim de registrar, informar, documentar e reivindicar a importância do local em considerável estado de degradação e esquecimento, de modo a contribuir com a preservação das estruturas remanescentes e em prol de uma população menos favorecida.

Silva e Nogueira (2020) defendem que a memória produzida nos participantes após o contato com o ambiente histórico pode atualizar impressões e/ou informações do passado, agregando valor à formação profissional. Para os autores, a abrangência que estas experiências podem atingir, extrapola o simples contato local, neste sentido a internet pode ser usada a favor em que as informações compartilhadas por meio das postagens nas redes sociais, garantem que mais pessoas possam ver o que está sendo desenhado. Essas imagens de objetos patrimoniais não conhecidos e percepção particularizada do desenhador são capazes de mostrar uma espacialidade diferente que outras pessoas não poderiam não ter notado.

Outra base teórica, adotada por Nito (2019) em seu estudo do entorno da Casa Portinari em São Paulo, por Costa e Molina-Siles (2020) no bairro de *El Cabanyal* em Valência e por Tata (2023) no estudo das praças da cidade *L'Àquila* na região de *Abruzos*, Itália, é o desenho de observação *in loco*, como método científico composto por técnica, observação, percepção e retorno crítico, apoiado pelo caminhar da cidade, em que destacam que o desenhar a partir daquilo que se observa, permite diversas formas de interpretação por meio da subjetividade e o fornecimento de dados sobre os componentes do lugar registrado. Destaca-se ainda que a escolha dessa ferramenta está também em vivenciar os espaços urbanos e não somente nas qualidades estéticas do resultado do desenho. Aqui se destaca como a maior contribuição dos autores, a utilização do USK como ferramenta de informação, comunicação, análise urbana, percepção, reflexão e estratégia de pesquisa de campo, em que se adotou uma postura etnográfica com o intuito de capturar e documentar a arquitetura, o ambiente urbano patrimonial as condições sociais, estruturais e morfológicas dos locais, despertando sentidos para compreensão da história e das práticas cotidianas. Logo, a quantidade de informação desenhada *in loco* desses locais é um arquivo de memória útil e que deve ser preservado. (Figura 9).

Por tais motivos a prática do USK traz consigo a inovação correspondente a sua época. O compartilhamento e estudo dos croquis dos participantes nas redes sociais, se mostra como uma rica fonte de informação acerca das cidades representadas por meio do grande banco de dados que a internet se transformou. Essas imagens divulgadas por banda larga ou em trabalhos científicos contribuem com o turismo, *advocacy* de questões sociais e de infraestrutura, divulgam a cultura e costumes locais de modo a favorecer a conscientização patrimonial.

Figura 8: USK e o compartilhamento de informações



Fonte: Elaborado pelos autores

5. Considerações Finais

A revisão sistemática de literatura teve o intuito de analisar a relação entre prática do USK e o patrimônio das cidades. Sob diferentes aspectos, os trabalhos analisados concordam que essa prática realizada em grupo juntamente com suas publicações online, contribuem para a preservação e valorização do patrimônio histórico, criando um sentimento de pertencimento entre os participantes, ativando a memória individual e coletiva sobre esse espaço urbano. A divulgação feita nas redes sociais, transforma a internet em uma grande galeria ou museu de desenhos que são compartilhados e vistos em diferentes partes do mundo.

Os participantes dos grupos de USK, além do gosto pelo desenho, apresentam interesse em conhecer mais sobre a história do patrimônio das cidades, bem como tem a consciência do valor histórico, cultural e artístico desses locais e tentam resgatar esses valores por meio de croquis que contam narrativas de acordo com seu ponto de vista. Nota-se que, uma vez pesquisadores/professores, além de utilizar o desenho *in loco* como ferramenta de pesquisa e análise, os participantes buscam associar a prática do USK na formação acadêmica de seus alunos contribuindo para conscientização por meio da observação pelo desenho, fato que favorece a educação patrimonial. Nesse processo, é necessário adentrar, fazer uso, caminhar pelo espaço urbano do patrimônio a fim de realizar os registros em croquis, levando ao sentimento de fazer parte e integrar-se ao contexto social e cultural local. Esse pertencimento proporcionado pela prática do USK, direciona para a sociabilização entre as pessoas, a apreciação da materialidade na forma dos prédios históricos e na sensibilidade por meio da interpretação subjetiva do espaço que cada pessoa apresenta. Para esses registros, embora possam ser realizados em folhas soltas, o suporte mais adotado pelos participantes dos grupos é o diário gráfico, uma vez que representa um arquivo dos dados coletados pelo autor por um determinado período, sendo capazes de reunir a informações e memórias gráficas que podem ser facilmente armazenadas e recuperadas. Esses registros são capazes de ativar memórias pessoais (como clima, sentimentos, cheiros e sons) dos locais registrados não só de quem os realiza, mas também a memória coletiva de quem os contempla. Além disso, embora a prática do desenho *in loco* da paisagem não seja algo novo, o USK traz consigo a inovação atrelada ao seu tempo. A internet possibilita o compartilhamento desses registros no momento que são realizados, transmitindo informações sobre as histórias locais capazes de promover o turismo, valorização, a consciência patrimonial, documentação de questões culturais e sociais, constituindo, assim, uma base de dados gigantesca sobre esses centros históricos.

Os autores apresentam o USK, além de ferramenta metodológica de pesquisa de campo,

como instrumento de registro, documentação, narrativa, educação patrimonial, observação, memória individual e coletiva, reflexão e análise, inerentes a diversas áreas de conhecimento como arquitetura, *design*, história, sociologia e antropologia, em que se destaca também o processo cognitivo e o conhecimento adquirido no desenvolvimento do desenho *in loco*, independente do resultado final do registro e da subjetividade de cada um. Diante disso, este trabalho contribui para uma melhor compreensão de como a prática do *urban sketching*, aplicada na observação da arquitetura, pessoas e manifestações culturais nos centros históricos se relaciona com a preservação, conhecimento, pertencimento e valorização o patrimônio.

Por fim, a exemplo da maratona “(a)Riscar Patrimônio”, foram parcas as informações apresentadas pelos trabalhos, acerca de um planejamento estratégico detalhado, sejam pelas entidades governamentais ou grupos de *urban sketchers*, a fim de otimizar os benefícios dessa relação visando a valorização e preservação do bem histórico edificado e cultura local, fato que poderá nortear futuras pesquisas e responder ou propor soluções para essa questão.

Referências

(a)RISCAR O PATRIMÓNIO. **(a)Riscar o Património**. Disponível

em: <https://ariscaropatrimonio.wordpress.com/>. Acesso em: 19 jan. 2024.

BOWER, Stephanie. **The World of Urban Sketching: New Inspirations to See Your World One Sketch at a Time**. Seattle: Rockport Publishers, 2021. 240 p.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016.

CASTRO, A. A. Revisão sistemática e meta-análise. **Compacta: temas de cardiologia**. São Paulo. p. 5-9, 2001.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Teresa Castro. Lisboa Edições 70, 2008. 287 p. (Arte e comunicação; 71).

CLEWTON, José; DUARTE, Batista; KALLAS, Luana. Os sketches no resgate e valorização do patrimônio. In: 4 Simpósio Científico 2020, Icomos, Brasil Da UFG, 2020, Goiás. **Anais eletrônicos** [...] Goiana: UFG, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CJTJ0xloORw&feature=emb_title. Acesso em 28 jan. 2023.

COSTA, H. B.; MOLINA-SILES, P. (2020). Drawings that immortalize the city. The latent and persecuted architecture of the El Cabanyal. EGA. **Revista de Expresión Gráfica Arquitectónica**, (40), 192-200. doi: 10.4995/ega.2020.14375.

CARVALHO, Stephanie Linhares Sales, Antônio GOMES DE VASCONCELOS e Tereza Cristina Sorice BARACHO THIBAU. "A ação civil pública e ação popular como instrumentos de proteção do patrimônio histórico-cultural." **Equidade: Revista Eletrônica de Direito da UEA**- v. 1, n. 1, jan. 2022

HOLMES, Marc Taro. **The Urban Sketcher: Techniques for Seeing and Drawing on Location**. Cincinnati: Artists Network, 2014. 143 p.

KALLAS, L. M. E.; GUILLEN-SALAS, J. C.; SILVA, E. A. S. da. Resgate, valorização, educação e documentação do patrimônio por meio de sketches. **Revista Jatobá**, Goiânia, v. 2, 2020.

- KUSCHNIR, Karina. Desenhando cidades. **Sociologia & Antropologia**, São Paulo, v.02, n.04, p. 295–314, 2012.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- NITO, Mariana Kimie da Silva. Patrimônio cultural e ambiências urbanas. In: Conferência Internacional 2019, 1, 2019, Rio de Janeiro. **Anais: Ressensibilizando cidades: ambiências urbanas e sentidos**. Rio de Janeiro: LASC-Proarq, p. 97-100, 2019.
- NORONHA, Raquel Gomes. **No coração da Praia Grande: representações sobre a noção de patrimônio na Feira da Praia Grande - São Luís - Maranhão**. São Luís: EDUFMA, 2015. 222 p.
- OBREGON, Rosane de Fatima Antunes (Org.). **Perspectivas de pesquisa em design: estudos com base na Revisão Sistemática de Literatura**. Erechim: Deviant, 2017. 195 p.
- RAHIM, S. Y. et al. Os arquivos de desenho e a valorização do patrimônio das cidades através do diário gráfico: o caso dos Urban Sketchers Portugal. **Patrimonialização e sustentabilidade do patrimônio: Reflexão e prospectiva**, Lisboa, v. 10, p. 10-40, 2018.
- ROSERGATEN, Ruth. Passar por aí, parar, continuar a andar: desenho urbano em contexto. In: SALAVISA, Eduardo (coord.). **Urban sketchers em Lisboa: desenhando a cidade**. Lisboa: Quimera, 2012, p.24-40. (Edição bilingue: Urban sketchers in Lisbon: drawing the city)
- SALAVISA, Eduardo. **Textos meus sobre desenho feito em cadernos (O diário gráfico)**. Disponível em: <https://diario-grafico.blogspot.com/p/textos.html>. Acesso em: 16 nov. 2023.
- SALAVISA, Eduardo. **Viajar com o diário gráfico**. 1. ed. Lisboa: Instituto de História de Arte, 2012.
- SANTOS, Aguinaldo dos (org.). **Seleção do método de pesquisa: guia para pós-graduandos em design e áreas afins**. Curitiba: Editora Insight, 2018. 233 p.
- SILVA, E. D. da; NOGUEIRA, A. D. Urban Sketching: instrumento formador de agentes difusores do patrimônio. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 6, n. 12, p. 94659–94672, 2020.
- TATA, Alessandra. Urban sketching for reading the spaces of the historic city. L’Aquila and its squares. **Disegnarecon**, [S.l.], v. 16, n. 31, dez. 2023. ISSN 1828-5961.
- THORSPECKEN, Thomas. **URBAN SKETCHING: Guia completo de técnicas de desenho urbano**. São Paulo: Gustavo Gili, 2015 128 p.
- URBAN SKETCHERS BRASIL. **Blog do grupo Urban Sketchers Brasil, com postagens de diversos brasileiros, mostrando sua cidade, um desenho de cada vez**, 2021. Urban Sketchers Brasil, São Paulo. Disponível em: <https://brasil.urbansketchers.org/>. Acesso em: 31 out. 2023.
- URBAN SKETCHERS. **Urban Sketchers: desenhar no local**. Disponível em: <https://urbansketchers.org/pt/>. Acesso em: 22 jun. 2023.
- VALGAS, Paulo Henrique Torres. Urban Sketchers e a cidade: sociabilidades, materialidades e sensibilidades. **Ensaio: História Oral**, Santa Catarina, v. 22, n. 2, p. 217-244, jul./dez. 2019.